

Narrativas Ilustradas e sua importância para o Jornalismo: estudo de caso da Maternidade Khost¹

Gabriela GÜLLICH²

Fabiana Cardoso de SIQUEIRA³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar de que forma as ilustrações podem ser utilizadas para retratar acontecimentos de cunho jornalístico em zonas de conflito. Realizamos uma análise de conteúdo de quatro ilustrações que retrataram o cotidiano no Hospital Maternidade de Khost, no Afeganistão. Utilizamos como categorias de investigação: o contexto no qual os desenhos estão inseridos e a técnica utilizada para representar o fato narrado. Constatamos que as ilustrações podem ser utilizadas como recurso visual em locais onde câmeras fotográficas e filmadoras têm acesso restrito, seja por questões culturais ou políticas. É uma maneira de contar o que ocorre, especialmente, quando não há alternativa de retratar o fato visualmente. É um instrumento de apoio importante para os jornalistas, podendo ser veiculada em *site* de notícias, jornais impressos, revistas e emissoras de TV.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; zona de conflito; ilustração; análise de conteúdo; Médicos Sem Fronteiras.

INTRODUÇÃO

Ao considerarmos o conteúdo jornalístico como algo meramente informativo, estamos tirando do jornalista a função de decodificador da informação. O papel do jornalista é de interpretar os fatos, de forma a despertar o interesse do leitor ao mesmo tempo em que o informa. O jornalismo como uma atividade pautada pela sociedade deve acompanhar suas mudanças. Como questiona Motta (2014), “o jornalismo se restringiria a descrever objetivamente a realidade, evitando contar histórias no sentido tradicional da palavra. Mas, o que é contar?”

Ao trazer a reflexão sobre o sentido de “contar”, Motta (2014) demonstra que restringir o texto jornalístico, atribuindo a este o intuito único de descrição objetiva, faz

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: gabrielagullich@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Complutense de Madri e professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: fabisq1@gmail.com.

com que o próprio trabalho do jornalista seja questionado. Para aceitarmos novas ideias, é preciso entender que o tradicional não morre, e sim se transforma. Percebemos com a quebra de padrões proporcionada pelo Jornalismo Literário, impulsionada pelo Novo Jornalismo⁴, que a função de contar histórias pode sim ser atribuída ao jornalista, o que nos leva a uma problemática: como contar essas histórias? Existe uma única maneira de narrar o que acontece? Como Wolfe (2005, p. 32) explica, referindo-se à quebra da “monotonia” do texto favorecida pelo Novo Jornalismo: “era uma questão de personalidade, de energia, de tendência, de bravura... numa palavra, de estilo... A voz-padrão do autor de não-ficção era como a voz-padrão do locutor... arrastada, monótona”.

Neste sentido de busca de novas possibilidades, podemos citar várias formas de transmitir uma informação: vídeos, áudios, texto corrido, fotografia e, como iremos abordar no decorrer do texto, ilustrações. A primeira inspiração para a elaboração deste artigo foi retirada do livro de Pascale Argod (2016), *The Art of Sketching*⁵ – 400 years of travel diaries⁶. Argod (2016) é professora e pesquisadora na Universidade de Bordeaux, sudoeste da França. O livro traz uma coletânea de diários de viagem – no geral, não apenas relatos jornalísticos –, abordando desde aspectos históricos da prática de relatar jornadas por desenho e texto, até a categorização dos tipos de relato.

O interesse em abordar a importância dos *sketches* de viagem para o Jornalismo de Guerra é abordado por meio de trabalhos feitos em zonas de conflito por jornalistas-ilustradores, quadrinistas e/ou apenas ilustradores.

São exemplos diferentes do que procuramos estudar neste artigo. Neste trabalho, analisamos as publicações feitas em dezembro de 2017 para a Ong Médicos Sem Fronteiras (Ong MSF). Trata-se de uma organização humanitária internacional, sem fins lucrativos, cujo objetivo é oferecer ajuda médica a populações em situação de emergência, como conflitos armados, epidemias e desastres naturais.

⁴Especialização do jornalismo feita com viés literário, indo de encontro com o formato tradicional das notícias, tendo Tom Wolfe como o principal precursor. Surgiu na imprensa dos Estados Unidos na década de 1960.

⁵“Sketching” vem da palavra “sketch”, também de origem inglesa, que pode significar bloco de papel e, por vezes, também é traduzido como diário (principalmente nesse livro). *Sketching* seria a ação de escrever e/ou desenhar nesses diários.

⁶Publicado em inglês pela primeira vez em 2016, o livro é uma coletânea de estudos da autora Pascale Argod. Título original: *L'art du Carnet de Voyage*.

No período citado, a unidade do MSF no Afeganistão ajudava nos atendimentos do Hospital Maternidade Khost, situado na cidade de Khost, no leste do país. Por motivos culturais, o interior do hospital não podia ser fotografado/filmado e ilustrar as atividades foi a maneira encontrada para registrar o cotidiano da maternidade.

Antes de detalharmos esse estudo é preciso, primeiro, abordar outras questões que fundamentaram a análise, como, por exemplo, a ligação entre as narrativas ilustradas e o jornalismo e o trabalho jornalístico em zonas de conflito.

NARRATIVA ILUSTRADA

Na busca por diferentes formas de narrar uma história, o jornalista pode se deparar com uma série de opções. Sem descartar a importância e relevância do texto escrito não só para a profissão, como também para a comunicação no geral, defendemos aqui o que mais chama atenção na narrativa visual: a acessibilidade. Isso interfere diretamente na aproximação do leitor com o conteúdo, afinal, se o público não entende, que motivos teria para acompanhar? E se a interação entre emissor e receptor não é feita, para quem se comunica?

Pensando nisso, a informação visual traz a vantagem de poder ser interpretada com pouco ou sem texto, mesmo que a pessoa não domine o idioma em questão. Quem vê uma imagem de militares caminhando, fumaça de explosões e registros de vítimas de conflitos, consegue entender que se trata de uma narrativa de guerra, mesmo sem o texto. A comunicação acontece e a mensagem, de certa forma, chega ao receptor. No caso dos desenhos, a comunicação visual funciona da mesma maneira, como afirmam Trinchão e Oliveira (1998):

A princípio, aceita-se o Desenho como uma linguagem de comunicação. Por este prisma, o desenho é “intento, intenção, desejo, plano, projeto e propósito”. Assim, o ato de desenhar é aqui compreendido como a arte de liberar e compartilhar emoções para/e com o mundo. Portanto, o Desenho é, sobretudo, canal de comunicação (TRINCHÃO, G. M. C.; OLIVEIRA, L. R. 1998, p. 157).

Utilizar ilustrações como ferramenta de narrativa não é uma atividade recente. Embora as reportagens ilustradas – e aqui trazemos o exemplo do jornalismo em quadrinhos, prática que usa HQs como ferramenta de reportagem – estejam ganhando

reconhecimento nos últimos anos, o uso de desenhos como canal de comunicação é mais antigo que o uso da fotografia. De acordo com Oliveira e Passos (2006):

Não deveria haver estranheza ao se falar em jornalismo em quadrinhos. Afinal, as histórias em quadrinhos nasceram nos jornais e até hoje permanecem neles na forma de tiras cômicas (em geral publicadas nos cadernos de cultura) e charges (localizadas nas páginas de opinião, a seção nobre das publicações impressas). Além disso, o uso de desenhos para ilustrar matérias em lugar de fotografias é comum em revistas como New Yorker e em textos de jornalismo gonzo (OLIVEIRA, Ana Paula; PASSOS, Mateus, 2006, p. 3-4).

Outro aspecto para se atentar a respeito do uso de ilustrações para registro é a discricção. Muitas vezes, uma câmera ou um celular podem chamar muita atenção, desviando o foco da situação, o que pode acarretar numa possível expulsão do jornalista do local.

No exemplo escolhido para o estudo neste artigo, não eram permitidas fotografias e filmagens das pacientes em atendimento no local, fator que levou à necessidade de utilizar ilustrações para registrar o cotidiano da Maternidade Khost. Nesta situação, Aurélie Neyret, a responsável pelos registros, não era jornalista e sim apenas ilustradora. No entanto, percebe-se o valor jornalístico de sua atividade enquanto narra o cotidiano da maternidade, explicando a separação de cor de vestimenta de cada função, contando a história das pessoas que vivem no local e trazendo fatos culturais relevantes para a narrativa, como mostraremos mais adiante.

O JORNALISMO EM ZONAS DE CONFLITO

Sendo um viés conhecido por abarcar muitas dificuldades, o Jornalismo de Guerra tem a função de denunciar atrocidades e reportar o que acontece dentro de uma zona de conflito. Para Loureiro (2013), “a guerra revela-nos, até aos nossos dias, o lado mais violento da humanidade. A guerra é um conceito complexo e que admite várias definições”. Por representar inquestionável impacto na história da humanidade, e, de certa forma, moldar a sociedade como a conhecemos atualmente, a guerra é, por si só, um material profundamente jornalístico, como podemos perceber na fala de Loureiro (2013):

A guerra sempre foi uma representação social de grande importância devido não só ao seu carácter dramático e à sua capacidade de afectar o destino de milhões de pessoas, mas também porque, ao ser um tópico susceptível de atrair os

media, interessa a um grande público, envolvendo-o emocionalmente (LOUREIRO, 2013, p. 22).

Zonas de conflito têm a capacidade de atrair o público e reunir diversos assuntos como tema para reportagens de política, economia e direitos humanos, ao mesmo tempo em que retrata aquilo de mais atroz o ser-humano é capaz de reproduzir. Além de assunto a ser tratado, as guerras ao longo da História implicaram em uma série de mudanças para o próprio Jornalismo.

No período entre a Guerra Civil Americana e a Primeira Guerra Mundial, a imprensa, com a ajuda do telégrafo, sofreu uma grande evolução. Os correspondentes começaram a conseguir noticiar acontecimentos distantes, o que fez despertar interesse pela informação no público e consequentemente fez com que duplicassem as tiragens dos jornais (LOUREIRO, 2013, p. 19).

Os relatos de viagem têm extrema importância no processo de noticiar acontecimentos distantes, trazendo uma visão da experiência de quem presenciou de perto o ocorrido. O processo de reportar através de ilustrações também foi um recurso iniciado durante um período de guerra. De acordo com Pascale Argod (2016), a utilização de desenhos para noticiar um fato surgiu na década de 1850, período correspondente à Guerra da Crimeia⁷. Argod (2016) explica que:

A Guerra da Crimeia (1854-1856) marcou o início tanto das reportagens em desenho quanto da figura do repórter-desenhista (...). O conflito resultou em uma produção de larga escala de imagens replicadas usando várias técnicas (por exemplo, litografia, fotografia e gravura) e em várias mídias (por exemplo, ilustrações impressas, livros e folhas soltas). Os desenhos eram transformados em gravuras para impressão, e a partir de litogravuras de eventos a reportagem em desenhos nasceu. (tradução nossa) (ARGOD, 2016, p. 22)

O caráter dramático e a capacidade de impacto, a relevância histórica e sua ligação direta com o jornalismo como o conhecemos hoje são critérios de grande peso ao considerar as zonas de conflitos como pauta.

Para Santos (2015, p. 252), “a guerra gera uma narrativa jornalística, que ainda hoje é impactante”. Ao trabalhar esse impacto, é preciso que o jornalista tenha o

⁷ Conflito pela disputa da Península da Crimeia, envolvendo o antigo Império Russo, Império Otomano (atual Turquia) e a Aliança Anglo-Franco-Sarda. Essa região do sul da Rússia e Balcãs gera conflitos até os dias atuais – sendo o mais recente datado de 2014.

cuidado de perceber que está trazendo para o público, histórias muito pessoais, muito sensíveis e que devem ser tratadas com o devido respeito.

Nesse sentido, Figueiredo (2012, p. 2) afirma que os relatos de viagem “focam no contato com os personagens, humanizam as fontes e buscam aproximar o leitor da narração, inserindo-o no enredo, se possível”.

Nessa humanização das fontes e dos fatos, é preciso atentar aos detalhes. Enquanto o texto descreve a situação, a ilustração jornalística precisa trazer essa situação e suas nuances para que a comunicação visual aconteça.

Joe Sacco, jornalista-quadrinista reconhecido principalmente por seus trabalhos cobrindo os conflitos árabe-israelense, fala sobre as diferenças entre o repórter tradicional e o repórter-quadrinista. No livro *Reportagens – uma compilação de diversos quadrinhos jornalísticos elaborados pelo autor* –, Sacco (2016) explica que:

O repórter tradicional pode tranquilamente descrever um comboio da ONU como “um comboio da ONU” e seguir adiante com sua matéria. Um jornalista-quadrinista tem que desenhar o comboio, e nesse momento surgem várias questões. Como são os veículos do comboio? Como são os uniformes dos operativos da ONU? Como era a estrada? E o cenário de fundo? (SACCO, 2016, p. 3-4).

Atentando para os detalhes que fazem diferença ao retratar uma cena, o jornalista-deseñista – ou mesmo o ilustrador narrando através de desenhos um assunto jornalístico, como é o caso do exemplo que traremos a seguir – tem o cuidado de passar para o papel aquilo que está acontecendo, buscando ser fiel ao momento para aproximar o máximo possível a relação entre leitor e conteúdo.

Para Bauer e Gaskell (2003, p. 91), “as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar”. A seguir, faremos uma análise de conteúdo da narrativa ilustrada feita na Maternidade Khost, no Afeganistão.

Entendemos por análise de conteúdo na mesma perspectiva de Herscovitz (2007), como um:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2017, p. 126-127).

No caso específico, trata-se de uma ilustração digitalizada e publicada no *site* do MSF, que mantém uma estrutura de divulgação de notícias dos fatos relacionados à organização. Utilizamos como categorias de análise: o contexto no qual os desenhos estão inseridos e a técnica usada para representar o fato narrado (como, por exemplo, o uso das cores com função explicativa em uma das ilustrações).

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS E A MATERNIDADE KHOST

De acordo com dados do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA)⁸, de primeiro de janeiro a 31 de dezembro de 2017, aproximadamente 445.335 pessoas tornaram-se refugiadas em razão dos conflitos no Afeganistão. Só no leste do país – região da cidade de Khost – 140.205 pessoas foram deslocadas, totalizando 32% dos deslocamentos ao redor do país em 2017, o que demonstra as dificuldades enfrentadas pela população na região.

A Maternidade foi aberta em 2012 pela ONG Medecins Sans Frontiere/Médicos Sem Fronteiras (MSF)⁹, com o objetivo de suprir parte das necessidades de cuidados obstétricos na cidade.

De acordo com o blog da MSF¹⁰, o local chega a fazer 2.000 partos por mês, sendo uma das maternidades mais movimentadas da cidade. A ONG busca registrar todas as ações, seja através de redes sociais ou através do próprio blog e/ou *site* da MSF. Por motivos culturais¹¹, o interior da Maternidade de Khost não pode ser filmado ou fotografado, o que levou a Organização a convidar uma ilustradora para retratar o cotidiano do local. Em dezembro de 2017, a MSF publicou o trabalho realizado pela ilustradora francesa Aurélie Neyret dentro da Maternidade, como mostra a Figura 1:

⁸ Dados publicados no *Afghanistan Weekly Field Report* em janeiro de 2018. Disponível em <<https://reliefweb.int/report/afghanistan/afghanistan-weekly-field-report-25-31-december-2017-endari>>. Acesso em 19 de junho de 2018.

⁹ ONG fundada em 1971 que oferece ajuda médica e humanitária para populações em situações de emergência. Informações retiradas do site da organização. Disponível em <<https://www.msf.org.br>>. Acesso em jun. 2018.

¹⁰ Dados de dezembro de 2017. Disponível em <<http://blogs.msf.org/en/staff/blogs/msf-in-afghanistan/never-an-ordinary-day-in-khost>>. Acesso em 19 de junho de 2018.

¹¹ O Afeganistão é um país de população majoritariamente mulçumana, isso significa que as mulheres precisam usar um traje específico que cobre o corpo. Na maternidade, as mulheres estão sem trabalho de parte, o que as deixa em uma situação vulnerável e com o corpo à mostra.



Figura 1: Neyret ilustrando um recém-nascido na Maternidade Khost. **Fonte:** página do Facebook da MSF Afghanistan.

A legenda diz “por razões culturais nós nunca conseguimos mostrar a vocês o interior do Hospital Maternidade Khost, mas graças à Aurélie Neyret, uma ilustradora do The Ink Link, que visitou o Afeganistão recentemente, nós podemos agora compartilhar algumas das histórias comoventes de nossos pacientes e equipe” (tradução nossa). Foi a única fotografia feita no local, sem mostrar a mãe ou o rosto da criança.

O trabalho feito na Maternidade tem relação direta com a fala de Bauer e Gaskell (2003, p. 91) quando afirmam que “não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa”. Seguindo os critérios de estruturação de uma narração, proposta pelos autores citados anteriormente, temos: o contexto – mostrar o interior da Maternidade; acontecimentos sequenciais – o dia-a-dia e demais fatos/estórias do local e, além desses critérios propostos por Bauer e Gaskell (2003), também levamos em consideração a técnica utilizada nas ilustrações. Ao lado do braço de Neyret, podemos ver um estojo de aquarela – técnica comumente utilizada para ilustrações rápidas e de viagem, uma vez que o estojo é compacto, o tipo de tinta rende bastante e basta um pincel com água (já existem pincéis – ou *brushes*, como são chamados, que vêm com um pequeno tubo d’água acoplado por questões de praticidade).

Na Figura 2, vemos o mapa do Afeganistão, indicando onde fica a cidade de Khost. Essa imagem é importante para contextualizar o leitor e atende às necessidades da narração ao mostrar “o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do

autor” (BAUER; GASKELL, 2003). Sendo, neste caso, o tempo representado pelo período de estadia – dezembro de 2017 –, e a motivação retratada na legenda que aponta o objetivo de “ajudar a dar voz à equipe e aos pacientes” (tradução nossa) do hospital.

Illustrating One of the World’s Busiest Maternity Hospitals

Aurélie Neyret, Illustrator with The Ink Link collective, recently visited #Afghanistan to help give a voice to the staff and patients of a **Doctors Without Borders Maternity Hospital** in Khost who, for cultural reasons, cannot be portrayed in photo or video.



Khost maternity, situated in the south east of Afghanistan about 30km from the Pakistani border, is thought to be one of the busiest maternities in the world. Over 400 (almost all female) Afghan staff work alongside 12 international staff to assist in the delivery of around 2,000 babies each month.

Figura 2: mapa do Afeganistão desenhado por Neyret, indicando a localização de Khost.
Fonte: Tumblr da MSF.

No canto inferior esquerdo, atentamos para um detalhe cultural: Neyret – que não é afeganistã – se desenha cobrindo a cabeça com vestimentas longas, mas ainda

assim mostra o rosto. Ao lado, ela desenha uma mulher local, vestindo uma burca¹². São detalhes como este que aproximam o leitor do contexto abordado, mostrando fatores incomuns para um leitor com uma visão ocidental, por exemplo. Outro fator importante nessa narrativa ilustrada é a preocupação em representar como é o sistema dentro do Hospital. A ilustradora utiliza da técnica de pintura em aquarela para dar vida ao desenho de forma simples e rápida – característica da técnica.

Na Figura 3, Neyret atenta para o fato de que “cores são importantes”, mostrando como cada cor representa um cargo diferente na Maternidade. Lilás para a promotora de saúde – profissional responsável por desenvolver maneiras de aprimorar a saúde dos pacientes –, rosa para a assistente de obstetriz (popularmente conhecida como parteira), azul para a obstetriz, verde para a responsável pela limpeza e amarelo para a médica.



Figura 3: ilustração demonstra as funções e suas respectivas cores dentro da Maternidade. **Fonte:** página do Facebook da MSF Afghanistan.

Segundo Arnt (2004, p. 321), “os meios, quer dizer, a técnica, assim como a informação de que são vetores, falam por eles mesmos, da cultura e do conhecimento, da história e da sociedade, e guardam a memória desses processos”. Ao colorir a ilustração a fim de compor a informação visual, Neyret apresenta a diferenciação de cargos e utiliza o desenho para registrar a memória de um processo. Para falar sobre o dia-a-dia ocupado da Maternidade, Neyret não traz apenas a quantidade de mulheres

¹² Veste feminina que cobre todo o corpo.

atendidas, por dia, no local, como elemento de contextualização. Ela apresenta a figura de Esther (Figura 4), a queniana responsável pela supervisão das parteiras para, em seguida, tratar sobre as dificuldades de trabalhar em uma das maternidades mais movimentadas da região.

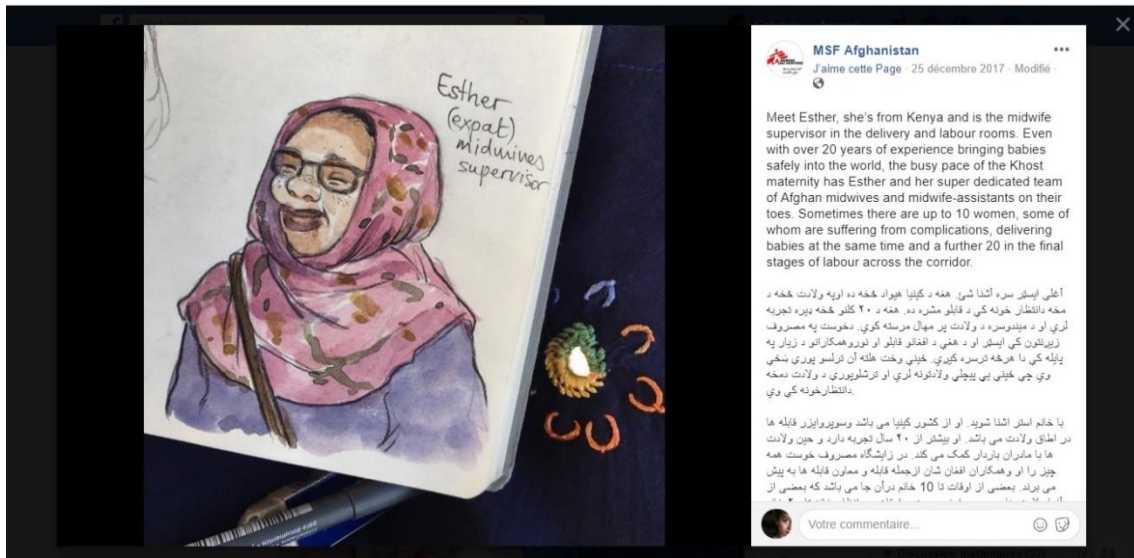


Figura 4: a figura de Esther, pintada em aquarela, acompanha o texto sobre o cotidiano movimentado da Maternidade. **Fonte:** página do Facebook da MSF Afghanistan.

Bauer e Gaskell (2003) explicam que um acontecimento “pode ser traduzido tanto em termos gerais quanto em termos indexados. Indexados significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e um tempo”, afirmando que a narração é repleta de colocações indexadas, tanto pelo caráter de experiência pessoal quanto pela tendência a detalhar, partindo de um enfoque específico de uma ação ou acontecimento. No caso do material analisado, a narrativa está indexada em um lugar – a Maternidade Khost, no Afeganistão, e em um tempo – dezembro de 2017, seguindo o caráter de experiência pessoal – a vivência da ilustradora na Maternidade.

CONCLUSÃO

As ilustrações em revistas e jornais não são uma novidade do jornalismo atual – como apresentado neste artigo, as histórias em quadrinhos nasceram nos próprios jornais e são um tipo de narrativa ilustrada. Nomes importantes do Jornalismo como a Revista *New Yorker* e a Revista *Piauí* utilizam em grande escala as ilustrações/desenhos como recurso visual para seus textos. O próprio *New York Times*, um dos jornais mais

conhecidos em escala global, ganhou o último Prêmio *Pulitzer*¹³ com uma reportagem em quadrinhos.

No estudo de caso elaborado a partir das ilustrações realizadas na Maternidade Khost, mostramos que as ilustrações podem carregar um material visual de carga jornalística. A maneira como o MSF Afeganistão narra o cotidiano da maternidade através da união entre imagem e escrita demonstra como a carga visual da narrativa é importante para ilustrar os acontecimentos em um determinado local. Podemos perceber também que, mesmo em locais nos quais câmeras fotográficas e filmadoras não são permitidas, a ferramenta visual ainda pode ser utilizada através de desenhos e ilustrações. No caso estudado, as ilustrações de Neyret ainda foram usadas posteriormente em outro relato de viagem no blog do MSF¹⁴ como notícia, comprovando a relevância desse recurso visual para a narração do cotidiano no local.

A ilustradora estava de passagem pelo Afeganistão – país que, atualmente, vive em constantes situações de conflito. O local dos desenhos, a Maternidade Khost, é uma das maternidades mais movimentadas do país, fazendo com que o fluxo de entrada e saída de pessoas, bem como o movimento interno – entre equipe médica e demais funcionários – seja constante e intenso. Neyret utiliza a técnica de aquarela por questões de praticidade (um estojo de aquarela cabe facilmente dentro de um bolso e só é preciso um pouco de água para dar o efeito da tinta), e rapidez – ilustrações de modelo vivo em tempo real requerem agilidade porque o foco do desenho está em movimento.

Acreditamos que o campo das narrativas ilustradas ainda pode ser muito explorado na área do Jornalismo, contribuindo diretamente na diversificação da maneira de expor fatos, tão cara para os jornalistas em tempos atuais – nos quais é preciso sempre se reinventar e pensar em novas expressões.

É uma tarefa que pode ser executada por jornalistas, ilustradores (como nos exemplos analisados) ou outros profissionais, pois assim como a fotografia ou a captação de imagens nas emissoras de TV, não é uma função necessariamente jornalística. É uma atividade de suporte, que auxilia no processo de narração de histórias dentro da perspectiva da presença, frequente, de equipes multifacetadas e interdisciplinares nas redações ou assessorias de imprensa na atualidade.

¹³ Premiação consagrada do Jornalismo que acontece desde 1917, carrega o nome do húngaro Joseph Pulitzer, jornalista e editor.

¹⁴ Disponível em: <<http://blogs.msf.org/en/staff/blogs/msf-in-afghanistan/never-an-ordinary-day-in-khost>>. Acesso em: jul. 2018.

É preciso que mais estudos sejam feitos a respeito dessa temática, levando em consideração outros contextos, que não apenas os trabalhos realizados em zonas de conflitos e também outras técnicas. O recurso visual do jornalismo ilustrado não se restringe unicamente a situações onde câmeras não são permitidas e também é empregado com diversas técnicas, passíveis de análises futuras.

REFERÊNCIAS

ARGOD, Pascale. **The Art of Sketching: 400 years of travel diaries**. Barcelona: Promopress, 2016. 160 p.

ARNT, Héris. **Narração e Informação na Gênese do Jornalismo**. In: VI Lusocom, 2004. Covilhã. CCCC Ciências da Comunicação em congresso na Covilhã, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/arnt-heris-narracao-e-informacao-na-genese-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 512 p.

DOCTORS WITHOUT BORDERS. **Illustrating one of the world's busiest maternity**. Disponível em: <<http://doctorswithoutborders.tumblr.com/post/168791446597/illustrating-one-of-the-worlds-busiest-maternity>>. Acesso em: jun. 2018.

FIGUEIREDO, Camilla. **Relato de Viagem: gênero jornalístico ou literário? Estudo de caso/análise de Viagem ao Crepúsculo (Samarone Lima)**. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Recife - PE, 2012, Recife. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Recife – PE, 2012.

HERSCOVITZ, Heloíza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOPES, Paula Cristina. **Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias**. 2010. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-cumplicidade.pdf>>. Acesso em: jun. 2018

Loureiro, Raquel Alexandra Pedrosa. **O jornalismo português "incorporado": circunstâncias, experiências e percepções**. Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2013. Dissertação de mestrado.

MEDICINS SANS FRONTIERES AFGHANISTAN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MSFinAfghanistan/posts/2050667571880828>>. Acesso em: jun. 2018.

MEDECINS SANS FRONTIERES. **Never na ordinary day in Khost**. Disponível em: <<http://blogs.msf.org/en/staff/blogs/msf-in-afghanistan/never-an-ordinary-day-in-khost>>. Acesso em: jun. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. E-compós.** [S. l.], edição 1, dez. 2014.

<<http://compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/8/9>>. Acesso em: [201-?]

OLIVEIRA, Ana Paula Silva e PASSOS, Mateus Yuri. Joe Sacco: Jornalismo Literário em Quadrinhos. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília – DF. **VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf>>. Acesso em: jun. 2018.

RELIEF WEB. **Afghanistan Weekly Field Report.** Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/afghanistan/afghanistan-weekly-field-report-25-31-december-2017-endari>>. Acesso em: jun. 2018.

SANTOS, Heloísa Sousa dos. Jornalismo e Fotojornalismo de Guerra: a visão dos conflitos por mulheres jornalistas. **Revista Cesumar**, v.17, n.2, p. 251-262.2015. Disponível em <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/download/4324/2669>>. Acesso em: maio 2018.

SACCO, Joe. **Reportagens.** 1a. ed. São Paulo: Quadrinhos Na Cia, 2016. 199 p.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. **A HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DO DESENHO.** In: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho, 2. 1998, Feira de Santana. ANAIS... Feira de Santana, 1998. P. 156-164.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.